

10

BRASIL DOS
VIAJANTES





MARIA ALZIRA SEIXO

ENTRE CULTURA E NATUREZA

Ambigüidades
do olhar viajante

A problemática da viagem, comum a todas as épocas da história da cultura, manifestou-se de uma forma determinante durante a idade clássica, e mesmo durante os tempos medievais que de algum modo se entrançaram com os primórdios humanistas que renunciaram os alvares da modernidade. A forma determinante dessa problemática define-se pela sua afirmação nos vários planos da existência, do saber e da criação, configurando a complexidade das manifestações civilizacionais e culturais em modelos similares de interpretação do mundo e da vida, e conferindo uma dinâmica nova à questão experiencial (mas também artística, e nomeadamente literária) do encontro do sentido.

Sabe-se que a noção da errância medieval, na sua relação com o advento da burguesia e sua aposta no alcance das riquezas e lucros conseqüentes, é um dos componentes das viagens que a partir do século XIII dão origem a relatos cuja popularidade se manteve ao longo dos séculos, a par dos périplos fabulosos que compõem a tradição e criam o gosto pelo gênero; Carpin, Marco Polo, Ibn Battuta, Jean de Mandeville são as nossas referências para tal gesto cultural; sabe-se também até que ponto a aventura das descobertas se baseou nas viagens, reconfigurando-as tanto como reconfigurou o conhecimento do mundo que elas contribuíram de modo decisivo para definir, criando um novo domínio nos percursos efetuados, o domínio marítimo. Alguns povos da Europa participaram de modo efetivo nessa aventura, para a qual os cosmógrafos e marinheiros portugueses deram uma contribuição decisiva, e um dos resultados mais emergentes a que deu origem foi a do chamado encontro de civilizações. Interessa talvez recordar que o encontro de civilizações implica matrizes de aproximação e de tangência de configuração muito variada, e que a abordagem que se faz por via marítima tem particularidades que fazem da viagem de descoberta (ou da viagem de exploração, se ela se dá na seqüência da descoberta) o modelo renascentista mais freqüente e decerto mais representativo da história da cultura ocidental (e dizemos “ocidental” porque se encara a relação destinador/destinatário com a marca

subjéctiva e centralista que ela conserva nos textos que contam essas viagens).

A primeira questão “literária”, digamos assim, que se coloca, no âmbito desta problemática, é a de saber por que razão o caráter excepcional dos relatos de viagem medievais, por terra, é substituído pelo caráter sistemático que eles assumem durante a idade clássica, quando a instância marítima domina a semantização da narração; e essa questão pode ser encarada através da sua determinação náutica, que é a da elaboração dos diários de bordo e dos roteiros, que estão na sua origem; origem mais causal do que temporal, porque há um sem-número de roteiros posteriores a relatos, muitos dos quais mantêm a configuração de diários, e porque muitos escritos dos primórdios das descobertas são já autênticos relatos narrativos, quando não misturam vários gêneros no mesmo texto, que é aliás o que acontece na maioria dos casos, e dos mais interessantes. Tudo isso é sabido; mas o que não se sabe, e por isso vale a pena continuar a refletir sobre a questão, é de que modo a instância narrativa vai se autonomizando em relação ao teor pragmático dos textos, dando corpo a uma produção sistemática que corresponde a apelos de ordem vária (político-diplomáticos, como no caso das cartas; da ordem de um consumo de tipo mais “popular”, como acontece com os relatos de naufrágios), mas que quase sempre se produz à margem da literatura oficial, por não prosseguir os ideais humanistas ortodoxos de imitação de modelos antigos. Este aspecto é, aliás, discutível, dado que muitos dos textos ligados à literatura de viagens implicam, de uma maneira ou de outra, esse tipo de imitação, que funciona como um dos aspectos da ideologia cultural dominante, e a questão central que se coloca, quanto à sua marginalização é, afinal de contas, a dos procedimentos de canonização literária que a sua herança cultural sofreu, já de si tardia, em acervos tão significativos como os de uma boa parte da literatura barroca, por exemplo, tais como os tipos de divulgação e de consagração contemporâneas que os textos encontram e que colocam em desigualdade de circunstâncias, nomeadamente, os escritos dos viajantes, os trabalhos dos cronistas ou obras como as de

MARIA ALZIRA SEIXO é professora de Literatura Francesa da Universidade de Lisboa.

Este texto foi apresentado no seminário “A Viagem na Literatura”, realizado em São Paulo em novembro e dezembro de 1994.

Rabelais ou de Montaigne, para só citar casos extremos, mas que podem demonstrar a complexidade do polissistema (1) cultural renascentista. Verifica-se no entanto que a ligação dos textos de literatura de viagens à doutrina da observação imediata, da presença testemunhal e da “experiência, que é madre das cousas” (segundo a expressão do *Esmeraldo de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco Pereira), dá conta do lado verdadeiramente novo do Renascimento, aquele em que o espírito crítico laicizante se afasta da doutrina da imitação para seguir a especificidade das diferenças, ou, pelo menos, para refletir sobre elas e manifestar a complexidade de reações que essa dualidade de éticas e mesmo de estéticas implica, no trilho de caminhos dúplices que de algum modo promovem o que vai constituir em breve a sensibilidade barroca, à qual alguma destas literaturas de viagens vai estar estreitamente ligada. Dividido entre o culto da imitação dos antigos, que predominará na cultura ocidental, *lato sensu*, durante cerca de três séculos, e a via de uma experiência das diferenças, que conduz à verificação das especificidades e abre perspectivas para a entronização da originalidade individualista que marcará a modernidade dos tipos iluminista e romântico, o Renascimento encontra nos textos da literatura de viagens (e nomeadamente nos que se referem à viagem por mar) um manancial que apenas ainda em parte está explorado.

Muitos desses textos dão conta das abordagens da terra brasileira e apresentam, no seu confronto com o acervo geral conhecido, a particularidade de fazer emergir uma terra e uma civilização não apenas “nova” para o conhecimento contemporâneo, mas “impensada”, dado que não integra os objetivos aguardados (e justamente procurados) da rota das Índias, nem assenta no “erro” do encontro de uma terra ignota quando se buscava uma já conhecida, como no caso das Antilhas e da América do Norte. Poderemos, é certo, mencionar atitudes ainda hoje inexplicáveis, tais como as “370 léguas a oeste de Cabo Verde” exigidas pelo rei português a colocar o meridiano de Tordesilhas de forma a incluir o Brasil na sua parte do mundo; ou a da própria elaboração narrativa da *Carta de Pero*

Vaz de Caminha, que, assumindo em princípio o diário de bordo da segunda viagem para a Índia, dá a narração por concluída quando os navios abandonam a Terra de Vera Cruz a caminho do cabo da Boa Esperança, o que faz desse texto, de fato, o primeiro olhar viajante sobre o Brasil, e não apenas o documento da sua descoberta, e desde logo muito rico – e isto para não falar do rumor de viagens de franceses à terra brasileira antes do ano de 1500. Também é motivo de perplexidade constatar que, alguns anos depois da carta de Caminha e da viagem de Gonville (a primeira de divulgação restrita devido à política de sigilo, a segunda com alguma irradiação pragmática coeva, a avaliar pelo estudo levado a cabo por Leyla Perrone-Moisés), sejam afinal demasiado sóbrias as referências à terra brasileira em pelo menos dois textos portugueses em que esperaríamos justamente o contrário. Refiro-me ao *Esmeraldo de Situ Orbis* (1507-08), de Duarte Pacheco Pereira, um dos roteiros mais completos das terras até então descobertas (2), e que apenas se lhe refere com a indicação de uma lista de latitudes: “estes lugares da terra do Brasil d’além do mar oceano”, escreve em termos de sumário, e menciona a angra de São Roque, Santa Maria d’Arrábida, cabo de Santo Agostinho, rio de São Francisco, aguada de São Miguel, Porto Real, Angra de Todos os Santos, Porto Seguro, rio de Santa Luzia, ilha de Santa Bárbara, rio dos Arreféns, ilha de Santa Clara, Cabo Frio, ilha de Santo Amaro, ilha da Ascensão, angra Formosa e ilha de São Lourenço. O outro texto é nada mais nada menos do que *Os Lusíadas*, no qual apenas quatro versos dão conta do território: “Mas cá onde mais se alarga, ali tereis/ Parte também, co pau vermelho nota;/ De Santa Cruz o nome lhe poreis;/ Descobri-la-á a primeira vossa frota” (Camões, X-140). O caráter parcimonioso destas referências terá decerto um sentido, mas é justamente do outro tipo de menções, as explícitas, que vamos tratar. Em três grupos de referências: as primeiras, agrupadas em torno de textos de redação próxima da viagem de descoberta; depois, faremos menção do grupo de textos provenientes de experiências acontecidas em torno de 1557 (de Jean de Léry, André Thévet e Hans Staden,

1 Itamar Even-Zohar, *Papers in Historical Poetics*, Tel Aviv, Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1978. A noção de polissistema parece-me fundamental nos estudos culturais para o entendimento homogêneo de dados de proveniência disciplinar diversa, de modo a serem considerados com certo rigor e a furtarem-se aos perigos da disparidade de materiais e da interpretação analógica.

2 Sobretudo se considerarmos observações de historiadores tais como esta: “Acontece que os roteiros relativos ao Brasil aparecem muito mais cedo com características de perfeição ou quase perfeição que penso não terem paralelo em textos do mesmo tipo para outra qualquer área marítima visitada pelos navios de Portugal” (Luís de Albuquerque, *Dúvidas e Certezas na História dos Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, Circulo de Leitores, 1991).

e menção breve apenas porque os supomos já bem conhecidos, com edições de ampla divulgação e estudos numerosos) e acompanhá-los-emos com a indicação de textos portugueses coevos de Bento Teixeira Pinto, Manuel da Nóbrega, Gabriel Soares de Sousa e Fernão Cardim; e concluiremos apontando algumas perspectivas posteriores.

A fortuna do olhar viajante sobre o Brasil não se esgota, de Pero Vaz de Caminha a Claude Lévi-Strauss (1955) e a Gilles Lapouge (1977), com destaque para o desenvolvimento teórico que desse olhar foi feito por Michel de Certeau (1975), ao estudar a obra de Jean de Léry. E, perante o riquíssimo manancial que se nos afigura, gostaríamos de salientar algumas das insistências que esse olhar revela (e que se mantêm em textos de línguas e sensibilidades diferentes, e em épocas diversificadas também) assim como em algumas das suas contradições ou perspectivas parciais evocadas. No grupo dos textos da descoberta, a *Carta de Caminha* convoca a maioria dos elementos de teor idílico que mais tarde irão ser desenvolvidos (formosura e fertilidade da terra, aspecto e afabilidade das gentes, novidade e estranheza dos costumes, relacionamento com a religião e com a expectativa econômica, caráter adâmico de uma existência pela primeira vez tangencialmente abordada), e dela citamos apenas a síntese final:

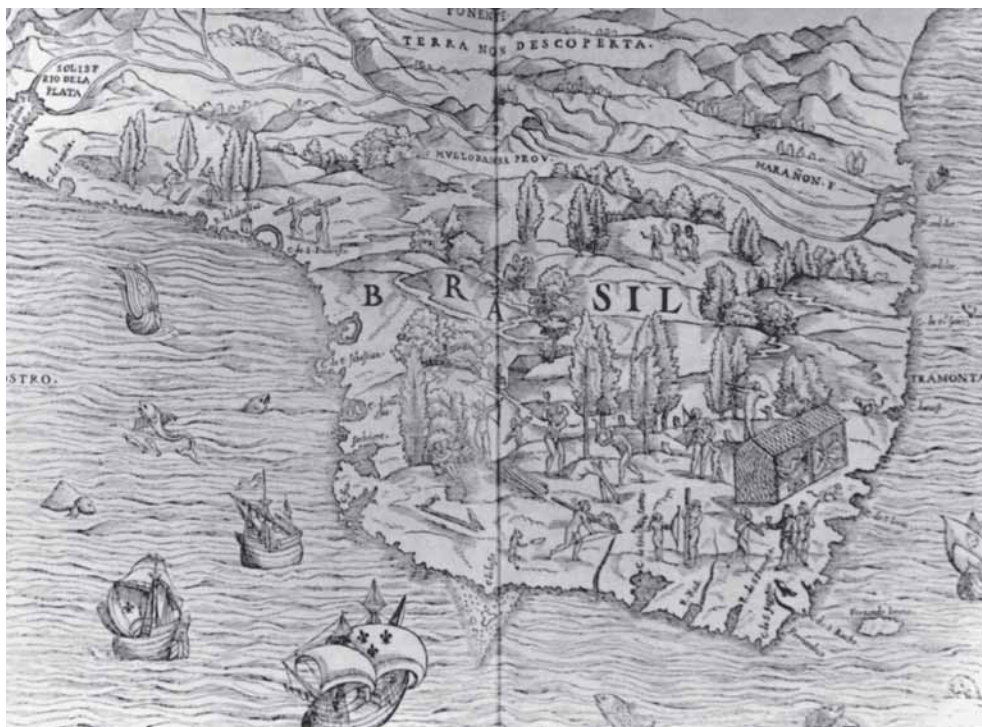
“Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. / Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. / Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares,

assim frios e temperados, como os de Entre Doiro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. / Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. / Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que V. Alteza em ela deve lançar”.

Esta visão de fascínio é confirmada pelo texto da “Relação do Piloto Anônimo”, que encontramos em Ramúsio, e que reza assim:

“E chegaram à terra para verem que terra era, a qual acharam terra muito abundante em árvores e gentes, que por ali andavam, pela costa do mar, e lançaram ferro na foz dum rio pequeno. E depois de lançadas as ditas âncoras, o Capitão mandou deitar um batel ao mar pelo qual mandou ver que gentes eram aquelas, e acharam que eram gentes de cor parda, entre o branco e o preto, e bem dispostas, com cabelos compridos e andam nus como nasceram, sem vergonha alguma, e cada um deles levava o seu arco com flechas, como homens que estavam a defender o dito rio. Na dita armada não havia ninguém que compreendesse a sua língua. [...] Nesta terra não vimos ferro e faltam-lhe outros metais. E cortam a madeira com pedras e têm muitas aves de muitas espécies, especialmente papagaios de muitas cores, entre os quais alguns grandes como galinhas e outras aves muito belas”.

Estes textos revelam já, através da demora descritiva praticada num registro predominantemente narrativo, a interrupção do relato dos acontecimentos (que é o intuito fundamental) pela atenção de um olhar que se detém nos pormenores, e devido a vários fatores: são diferentes e insólitos (o aspecto físico, a nudez, a língua, os papagaios), mas coexistem com outros que são habituais e conhecidos (adquirindo porém aqui manifestação de grau superior). O esquema temporal da observação poderia compreender-se do seguinte modo: fator inesperado (a descoberta



*“Brasil”,
xilografura do livro
de Giovanni B.
Ramusio Delle
Navigationi et
Viaggi... (Veneza,
1565), Biblioteca
do IEB- USP*

ta de uma terra), com qualidades estéticas assinaláveis (reconhecidas por identificação, reforçada pela supremacia), onde há homens como os ocidentais, mas com aspectos e comportamentos diferentes (donde, é-se mais afetado pela alteridade porque não se trata de monstros, ou de seres anormais – são mesmo mais perfeitos, em certos aspectos, que os europeus –, e a alteridade aparece assim como uma possibilidade diferenciada do mesmo, complexo nocional este que está no centro das ambigüidades de percepção e de descrição de todos os textos que vão seguir-se ao ocuparem-se do mesmo fenômeno). Justamente creio que a *“enálage pronominal”* de que fala Réal Oullet (3) a respeito dos textos de narrativa de viagens (a utilização de um “nós” narrativo que inclui narrador e acompanhantes europeus, mas também por vezes os próprios indígenas observados) revela esta consonância de tipo humanista em que o relativismo cultural pode ultrapassar-se para atingir uma espécie de ontologia antropológica.

A estranheza é aliás um fator que provoca reações dúbias, tanto de afastamento como de fascínio. Antonio Pigafetta (1519-20), por exemplo, anota as seguintes modalidades de visão:

“Depois de passar a linha equinocial, ao aproximar-se o Pólo Antártico, perdemos de vista a Estrela Polar. Deixámos o cabo [...] e metemos proa à terra de Verzim [...]. Aqui aprovisionámo-nos abundantemente de galinhas, de batatas, de uma espécie de fruto parecido com a pinha, mas que é muito doce e de um gosto delicioso, de canas muito doces, de carne de anta, a qual é parecida com a de vaca, etc./ Fizémos aqui vantãosíssimas trocas: por um anzol ou por uma faca deram-nos cinco ou seis galinhas; por um pente, dois gansos; por um espelinho ou um par de tesouras, o peixe suficiente para alimentar dez pessoas; por uns guizos ou por uma cinta, os indígenas traziam-nos um cesto de batatas, nome que dão às raízes que têm mais ou menos a figura dos nossos ños, e cujo sabor é parecido com o das castanhas. [...] Os brasileiros não são cristãos, nem tão pouco idólatras, porque não adoram nada: a natureza é a sua única lei. [...] Vimos aves de muitas espécies. Algumas pareciam que não tinham rabo; outras não fazem ninho porque não têm patas, mas a fêmea põe e choca os ovos nas costas do macho, no meio do mar. Há outras, chamadas ‘cagaselas’, que se

3 Réal Oullet, “Qu’est-ce qu’une Relation de Voyage?”, in *La Recherche Littéraire*, Montréal, XYZ Editeur, 1993.

alimentam dos excrementos de outras aves. Eu próprio vi muitas vezes uma destas aves perseguir outra insistentemente até que, por fim, a outra expeliu um excremento, sobre que se arrojou avidamente”.

A descrição do abacaxi segue a modalidade de aproximação do diferente em termos de conhecido, homologando realidades diversas, e a prática do comércio com o indígena modaliza-se de acordo com um desfazamento dos mundos em confronto e dos respectivos valores, o mesmo acontecendo à comparação implícita entre a religião católica e o naturalismo físico; quanto às aves “cagaselas”, atestadas pela observação do sujeito relator, fazem parte de um conjunto de observações do insólito que, reais ou fantasiadas (e, quando fantasiadas, seguindo modelos de conhecimento prévio protocolar, quer pragmático quer textual), são característica desse tipo de texto. Stephen Greenblatt comenta:

“The marvelous is a central feature then in the whole complex system of representation, verbal and visual, philosophical and aesthetic, intellectual and emotional, through which people in the late Middle Ages and the Renaissance apprehended, and thence possessed or discarded, the unfamiliar, the alien, the terrible, the desirable, and the hateful” (4).

E mesmo os textos ligados à experiência e à observação direta (como este) recorrem por vezes a uma espécie de conversão do maravilhoso em insólito, que dá conta de um modelo cultural de percepção do mundo natural já não de tipo vertical-ascensional (de remissão ao divino, à transcendência), mas horizontal-rotativo (referente ao olhar humano em trânsito, do percurso e da descoberta – da viagem, afinal); neste olhar, a diversão produz conhecimento, e a diferença aponta para uma mutação física de lugares no mundo (o novo e o antigo) e já não para uma hierarquia de níveis entre a transcendência e a imanência. Este aspecto constitui, no entanto, a charneira clássica para a distinção de percepção entre o antigo e o novo, uma vez que é essa hierarquização de níveis que,

mantida no plano moral e religioso, vai originar a problemática de submissão e domínio que conduz as formas do colonialismo ocidental. E, uma vez mais, os textos do viajante no Brasil apontam para uma complexidade específica que é curioso anotar.

Diferenciando-se das formas de apreensão dominante dos conquistadores espanhóis no México, de que dá conta Bartolomeu de Las Casas, ou do desprendimento negociante de Fernão Mendes Pinto na *Peregrinação*, os textos de Léry, de Thévet e de Staden marcam a perplexidade perante o outro que os encaminha para uma sistematização, nesse outro, das modalidades de percepção que com ele entretecemos – atentamente estudadas por Tzvetan Todorov para o período clássico e contemporâneo, em *Nous et les Autres* (5) – e que passam basicamente, a meu ver, por três tipos de relação: 1) com o diferente; 2) com o insólito; 3) com o comum.

Vejamos um trecho da *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil*, de Jean de Léry, 1557 (1578):

“Les sauvages de l'Amérique habitant en la terre du Brésil, nommés Tououpinambauults, avec lesquels j'ai demeuré et fréquenté familièrement environ un an, n'étant point plus grands, plus gros ou plus petits de stature que nous sommes en Europe, n'ont le corps ni monstrueux ni prodigieux à notre égard, bien sont-ils plus forts, plus robustes et replets, plus dispos, moins sujets à la maladie et même il n'y a presque point de boiteux, de borgnes, contrefaits ni maléficiés entre eux”;

curiosamente, a modalidade de percepção do comum é desenvolvida pela negativa, concebendo-se a identidade como um fator da estranheza (o que se pretende significar, afinal, é que é admirável que os tupinambás sejam como nós!) para logo se elevar a ausência de anormalidade a um excesso de perfeição, o que passa a ser outro traço de maravilha, convertendo-se, portanto, o comum em diferente. Num livro recente, intitulado *La Mesure du Monde*, no qual se estuda a percepção do espaço na Idade Média e no Renascimento, Paul Zumthor justamente afir-

4 Stephen Greenblatt, *Marvelous Possessions. The Wonder of the New World*, Oxford, Clarendon Press, 1988.

5 Tzvetan Todorov, *Nous et les Autres*, Paris, Seuil, 1989.

ma: “L’imagination européenne a besoin de l’étrange, comme pour se convaincre de l’altérité de l’ailleurs” (6); aliás, na tripla modalização que definimos da percepção do ser humano em relação ao mundo, poderemos constatar, a partir ainda destes textos, que o insólito é facilmente convertido no diferente, e que a diferença é o traço distintivo da apreensão da distância, podendo por sua vez converter-se no “comum” dos “outros”, sobretudo se esses outros começarem a relacionar-se com o sujeito da observação num plano de intersubjetividade, isto é, de sancionamento da existência do próprio sujeito. É o que acontece no célebre texto de Hans Staden (cito a edição francesa: *Véritable histoire et description d’un pays habité par des hommes sauvages nus féroces et anthropophages situé dans le nouveau monde nommé Amérique*, 1557, mencionando fatos de 1547) que, feito prisioneiro pelos canibais, narra durante vários capítulos os pormenores da preparação da cerimônia em que vai ser devorado:

“Les indiens m’entouraient et me menaçaient à chaque instant de me dévorer. Me voyant exposé à un si grand

danger, je fis des réflexions que je n’avais jamais faites auparavant et, considérant la vallée de pleurs dans laquelle nous vivons, je me mis à chanter un psaume du fond du coeur et les larmes aux yeux; les sauvages s’écriaient: ‘Voyez comme il pleure, voyez comme il gémit’”.

Acaba por ser salvo por um milagre, ao invocar a misericórdia de Deus durante uma tempestade que na seqüência da sua prece se amaina, o que convence os selvagens das suas capacidades sobrenaturais, mas as suas aflições ainda assim continuam, nomeadamente quando o conduzem a um povoado onde o obrigam a um ritual que consiste em gritar para os selvagens, e mencionando a si próprio: “Voici votre nourriture qui arrive”; ou, mais adiante, quando diz: “comme un malheur ne vient jamais seul, au milieu de mes misères, je fus attaqué d’un violent mal de dents” e nos narra como tentou desesperadamente impedir um selvagem, decerto desta vez animado por intenção simpática, de lhe arrancar o dente com um pau. Desse modo, integrado no ambiente familiar dos canibais, traços de alteridade e de identidade constituem uma configuração de ambigüidade que em certos

6 Paul Zumthor, *La Mesure du Monde*, Paris, Seuil.

Xilogravura do livro de Jean de Léry

Histoire d’un Voyage fait en la terre du Brésil...

(Genebra, 1600),

Biblioteca

Municipal Mário de Andrade, São Paulo



casos, como aqui, compõe um sentido cômico. É justamente Iouri Lotman quem sublinha o fato de que a constituição dos modelos de sentido assenta numa relação de transcodificação de estruturas que aqui sobressai pelo pendor humorístico da situação, mas que abrange todo o caráter sistêmico das referências culturais desse tipo de texto. Recordo Lotman:

“Il est nécessaire de reconnaître que les contenus des signes [...] peuvent être conçus comme des chaînes structurelles liées par des rapports déterminés. L’essence de chacun des éléments de la série du contenu ne peut être découverte en dehors du rapport avec les autres éléments. Un fait qui ne peut être comparé à rien d’autre, qui ne s’inclut dans aucune classe, ne peut former un contenu de langage. Il découle de ce qui a été dit que la signification apparaît dans les cas où nous avons au moins deux chaînes-structures différentes. [...] Lors du transcodage entre deux paires déterminés d’éléments, différents par leur nature, s’établiront des correspondances dans lesquelles un élément d’un système sera perçu comme équivalent à un autre dans son système. [...] Par conséquent, le problème du contenu est toujours un problème de transcodage” (7).

André Thévet, também em 1557 – o que comprova a observação de Frank Lestringant sobre “o tropismo brasileiro” na literatura de viagens da época (8) –, tem páginas famosas sobre o canibalismo, que é um dos eixos do sensacionalismo da diferença nestes textos dos meados do século (sobretudo quando produzidos por autores franceses, que, como é sabido, procuram o Brasil para fundarem uma colônia de protestantes, e acusam os católicos de atividade antropofágica pela ingestão da hóstia consagrada, como aconteceu no caso de Villegagnon); mas, nas *Singularités de la France Antarctique* (1571), preferimos isolar um passo sobre a paisagem que dê conta do olhar imediato sobre a terra e o homem:

“Quant au territoire de toute l’Amérique,

il est très fertile en arbres portant des fruits excellents, mais sans labour ni semence. Et ne doutez pas que si la terre était cultivée, elle ne rapportât fort bien, vu sa situation, ses montagnes fort belles, ses plaines spacieuses, ses fleuves portant du bon poisson, ses îles grasses et la terre ferme semblablement”.

Escreve Michel Mollat:

“Là où la tradition employait les mots mirabilia et ‘merveilles’, un Thévet, au XVIe siècle, use du terme singularité. Le passage d’une expression à l’autre est très significatif. A l’étonnement admiratif ou craintif, crédule ou sceptique, se substitue l’observation de l’originalité et de l’individualité spécifique, singulière dans le sens d’unique, de l’objet observé. Il s’agit moins d’étrangeté que de particularité. A la stupeur succède une première phase d’analyse, en quête des différences” (9).

Isto mesmo podemos notar num dos mais ricos textos portugueses sobre o Brasil, e anterior a Thévet; refiro-me ao *Diário da Navegação da Armada que Foi à Terra do Brasil em 1530* (1839), de Pero Lopes de Sousa (1501-1539), de que dou também um excerto:

“Os principais homens da terra vieram fazer obediência ao capitão, e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailes, amostrando grande prazer por sermos aqui vindos. O capitão lhes deu muitas dádivas. A gente desta terra é toda alva; os homens mui bem dispostos, e as mulheres mui formosas, que não hão nenhuma inveja às da Rua Nova, de Lisboa”.

Noutro passo, dá conta das guerras frequentes entre os indígenas, e menciona um fato por si observado:

“E pelejaram desde o meio-dia até o Sol posto. As cinquenta almadias, da banda de que estávamos surtos, foram vencido-

7 Iouri Lotman, *Structure du Texte Artistique*, Paris, Gallimard, 1973.

8 Frank Lestringant, *L’Atelier du Cosmographe*, Paris, Albin Michel, 1991.

9 Michel Mollat du Jourdin, “L’Altérité, Découverte des Découvertes”, in *Voyager à la Renaissance*, Actes du colloque de Tours, dir. Jean Céard et Jean-Claude Margolin, Paris, Maisonneuve et Larose, 1987 (1983)..

ras; e trouxeram muitos dos outros cativos, e os matavam com grandes cerimônias, presos por cordas; e depois de mortos, os assavam e comiam”.

Ao apontamento sobre o canibalismo segue-se a insistência na beleza e fertilidade da terra:

“A terra é a mais formosa e aprazível que eu jamais cuidei de ver; não havia homem que se fartasse de olhar os campos e a formosura deles. Aqui achei um rio grande; ao longo dele, tudo arvoredo, o mais formoso que nunca vi [...] pareceu-me que nos podíamos manter com o mantimento que na terra havia, e com o pescado, o mais formoso e saboroso que nunca vi. A água já aqui era toda doce; mas o mar era tão grande que me não podia parecer que era rio; na terra havia muitos veados e caça, que tomávamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra há muito mel e muito bom; e achávamos tanto que o não queríamos”.

É evidente, pois, e a par da conversão das especificidades em realidades usuais (veja-se o exemplo relativo à formosura das mulheres), uma atenção aos dados originais da terra, entendidos como suscetíveis de criarem uma personalidade geográfica e antropológica particular.

Os textos franceses têm um caráter menos narrativo e mais reflexivo, comunicando a sistematização de um olhar que já tem muito de etnográfico, embora ainda construído sobre a descrição e o factual imediato; os textos portugueses, de preferência, usam a descrição para servir à narração, e nisso estão muito mais próximos do ato de navegar e inventariar, comunicando a natureza mesma do olhar em trânsito, diarístico, temporal e repetitivo, com marcas estéticas muito acentuadas. Mas consideremos agora, precisamente, alguns desses textos portugueses coevos, de naturezas diversas, como, por exemplo, o relato de naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, de 1565, feito por Bento Teixeira Pinto:

“No tempo que a Rainha D. Catarina, avó d’El-Rei D. Sebastião, governava este rei-

no de Portugal por seu neto, veio nova do Brasil e da Capitania de Pernambuco de que os mais dos principais dos gentios que na dita capitania havia estavam alevantãos contra os portugueses [...] pela qual razão a dita Rainha mandou a Duarte Coelho de Albuquerque [...] que a fosse socorrer. [...] e se assentou entre todos que se elegeisse por geral da guerra [...] Jorge de Albuquerque Coelho, o qual [...] começou a fazer guerra aos inimigos [...], com trazer em sua companhia muitos soldados e criados seus, a quem dava de comer, beber, vestir e calçar à sua custa. E cinco

*Xilogravura do livro
La Cosmographie
Universelle...,
de André Thevet*



anos que gastou em conquistar a dita Capitania pelas montanhas e desertos, Verões e Invernos, de noite e de dia, passou muitos em si grandes trabalhos, sendo ele, e os seus soldados e criados, feridos muitas vezes, pelejando algumas vezes a pé e outras a cavalo. E quando se vinha a recolher a alguns dos lugares ou vilas dos nossos portugueses, [...] no maior e mais fermoso bosque que achava se agasalhava ao pé das árvores, com mandar fazer choupanas de rama e palma em que se agasalhassem os soldados; e estas ramas e choupanas mandava fazer por muitos escravos que trazia em sua companhia, que serviam de descobrir e vigiar o campo e o lugar onde se agasalhavam, juntamente com alguns soldados, passando tantas fomes e necessidades, que muitas vezes não tinham que comer mais que caranguejos do mato e farinha-de-pau e fruta brava do campo”.

Aliam-se aqui as notações de abundância de produtos e facilidade da vida natural ao exercício da colonização (menção dos escravos) e aos sofrimentos postulados pela semantização genológica do naufrágio. Podemos ler também, em Gabriel Soares de Sousa (1540-92), no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*:

“E com bom vento fez a sua viagem até entrar na Baía, e desembarcou da ponta do Padrão dela, para dentro, e fortificou-se onde agora chamam a ‘Vila Velha’; em o qual sítio fez uma povoação e fortaleza sobre o mar, onde esteve de paz com o Gentio os primeiros anos, no qual tempo os moradores fizeram suas roças e lavouras. Desta povoação para dentro fizeram uns homens poderosos, que com ele foram, dois engenhos de açúcar, que depois foram queimados pelo Gentio, que se alevantou e destruiu todas as roças e fazendas, pelas quais meteram muitos homens, e nos engenhos, quando deram nelles. [...] Pôs este alevantamento a Francisco Pereira em grande aperto, porque lhe cercaram a vila e fortaleza, tomando-lhe a água e mais mantimentos, os quais, nes-

te tempo, lhe vinham por mar da capitania dos Ilhéus, [...] com grande risco dos cercados que estiveram nestes trabalhos, ora cercados, ora com tréguas de sete ou oito anos, nos quais passaram grandes fomes, doenças e mil infortúnios, a quem este gentio Tupinambá matava gente cada dia, com o que se ia appoquentando muito; onde mataram um seu filho bastardo e alguns parentes e outros homens de nome. Com o que a gente [...], desesperada de poder resistir tantos anos a tamanha [...] guerra, se determinou com ele, [...] que ordenasse de os pôr em salvo, antes que se acabasse de consumir em poder de inimigos tão cruéis, que ainda não acabavam de matar um homem, quando o espedaçavam e comiam”.

São já aqui as lutas coloniais que emergem, e o apontamento canibalesco é entendido como fator de guerra, como vimos há pouco, entre os próprios indígenas. Nas cartas de jesuítas, como a *Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuítica do Brasil, pela Baía, Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco*, 1874, do Padre Fernão Cardim (c.1549-1625), aparecem também pormenores de tipo etnográfico, mas normalmente mais voltados para o pitoresco do que para a notação de compêndio:

“Moravam os índios, antes da sua conversão, em aldeias, em umas ‘ocas’ ou casas mui compridas [...]. Parece a casa um inferno ou labirinto; uns cantam, outros choram, outros comem, outros fazem farinhas e vinhos, etc., e toda a casa arde em fogos; porém é tanta a conformidade entre eles que em todo o ano não há uma peleja, e com não terem nada fechado, não há furtos. Se fosse outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre eles. Este costume das casas guardam também agora, depois de cristãos. [...] Em cada ‘oca’ destas há sempre um principal, a que têm alguma maneira de obediência [...] Estimam tanto um bom língua que lhe chamam o ‘senhor da fala’; em sua mão

tem a morte e a vida, e os levará para onde quiser, sem contradição. Quando querem experimentar um e saber se é grande língua, ajuntam-se muitos para ver se o podem cansar, falando toda a noite em peso com ele, e às vezes dois, três dias, sem se enfadarem”.

É fundamental esta referência ao “língua”, detentor da fala, normalmente o intérprete para as relações com os estrangeiros, e que muitos textos passam em silêncio, sendo aqui encarada justamente do lado indígena, o que engrandece a emergência progressiva do objeto da descrição, que a certa altura passa, nos relatos de viagens, de objeto temático conducente do olhar descritivo a entidade subjetivada que organiza o teor dessa mesma descrição. Também no padre Manuel da Nóbrega (1517-70), nas *Cartas do Brasil*, encontramos passos que seguem esta via narrativa, e citamos um, quase ao acaso, sobre o lugar onde se fundaria a cidade de Salvador:

“A região é tão grande que, dizem, de três partes em que se dividisse o mundo, ocuparia duas; é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do Estio; tem muitos frutos de diversas qualidades e mui sãorosos; no mar igualmente muito peixe e bom. Semelham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto pano de arrás tão belo [...]. Onde quer que vamos somos recebidos com grande boa vontade, principalmente pelos meninos, aos quais ensinamos”.

Temos tido sobretudo a preocupação de apresentar textos esclarecedores das linhas de sentido que anunciamos: textos que, em séculos e em nacionalidades diferentes, relevam de tópicos idênticos na apreensão da terra e do homem do Brasil durante a Idade Clássica, e que dão a ver uma percepção da natureza feita pelo deslumbramento do olhar, deslumbramento esse que se vincula a motivos explícitos de estética, de surpresa ou de medo, mas que, na sua formulação verbal, se apresenta condicionado pela expressão de realidades culturais próximas e familiares, que fundamentam constantes pontos de compa-

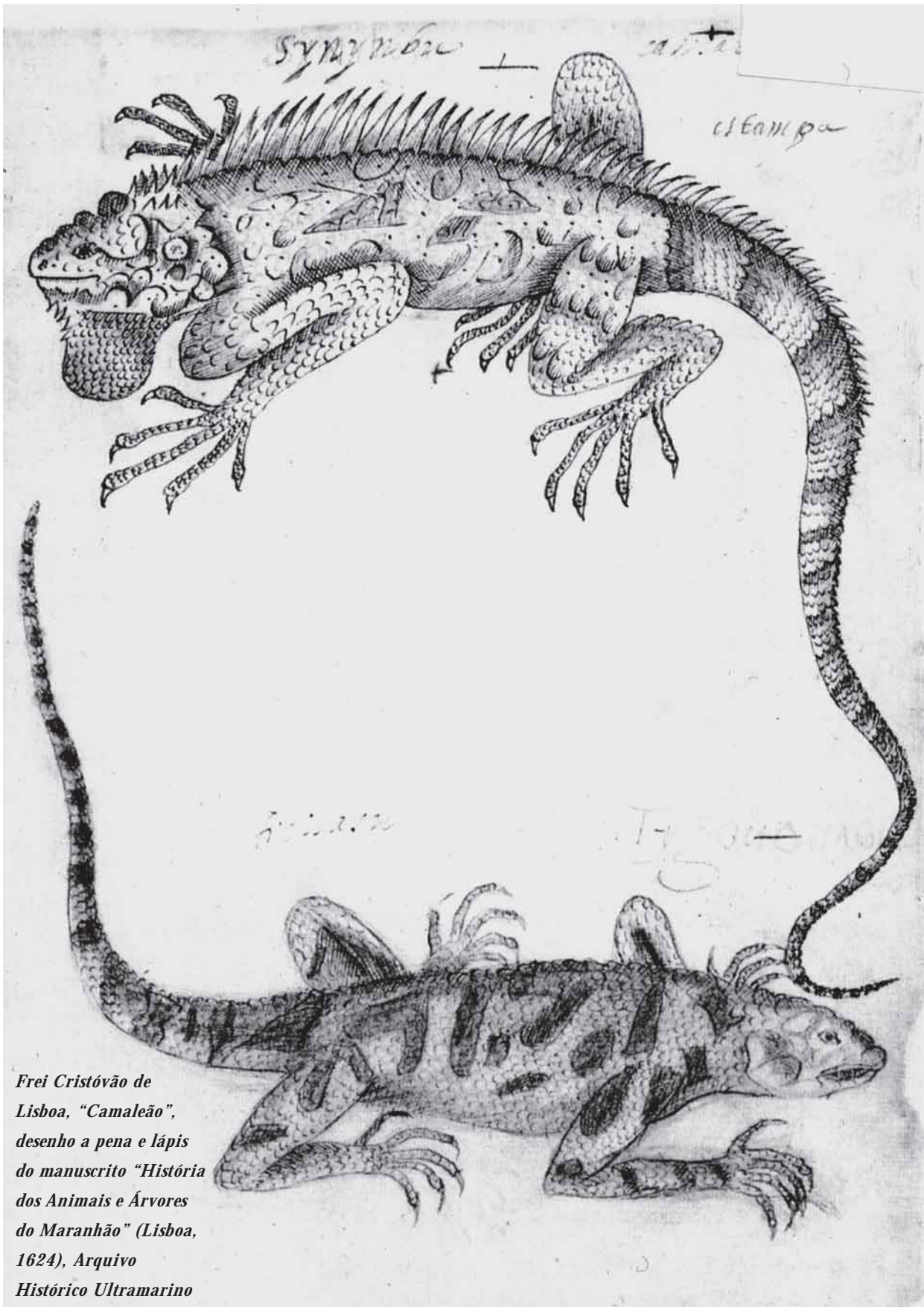
ração entre o novo e o já conhecido. A fundamentação epistemológica, como se vê, não é linear nem binária, dado que os paradigmas de compreensão se entrecruzam: nem sempre ao novo se opõe o antigo, nem sempre a surpresa se esclarece pelo habitual; a matriz perceptiva é complexa e integra uma dinâmica de convergências e divergências que interfere no sistema dos hábitos de apreensão vigentes, e situa-se justamente, também ela, no trânsito de uma nova construção sistêmica (e recordamos as noções já citadas de “modelo” de Lotman e de “polissistema” de Even-Zohar). Demos sobretudo exemplos da percepção da paisagem, seus produtos e matérias-primas, e do homem, sua aparência, hábitos, modo de vida e comportamento. Gostaríamos ainda, de forma sinóptica, mencionar outros textos do *corpus* anunciado, e de salientar a importância, nomeadamente, de Yves d’Évreux, em *Voyage au Nord du Brésil, Fait en 1613 et 1614*, que apresenta recorrências da mesma temática, centrada num olhar cujas características históricas são no entanto relativamente diferentes das portuguesas:

“*La terre y est forte et grasse [...]. Les forêts sont de haute futaie, encore vierges en la coupe, ennoblies de plusieurs sortes de bois fort excellents soit en couleur, soit en propriété de médecine, et les Sauvages habitant là nous ont rapporté qu’il s’y trouvait du bois du Brésil. Dans ces forêts il y a une telle multitude de cerfs, biches, chevreuils, vaches braves et sangliers, qu’en peu d’heures vous en tuez autant que vous voulez*”;

neste texto inclui ainda advertências sobre a recepção que os selvagens reservam aos recém-chegados, e, de modo muito interessante, observações sobre os rituais indígenas por ele designados “*cérémonies diaboliques*”.

O século XVII português oferece, entre outros, os riquíssimos testemunhos do padre Antônio Vieira, que só por si mereceria um tratamento à parte nesta problemática; dessa época, junto apenas um excerto da *Vida do Venerável Padre José de Anchieta*, 1672, do Padre Simão de Vasconcelos (1597-1671):

10 Cito ainda, em apêndice, algumas estrofes da *Nova Relação do Lamentável Naufrágio que se Experimentou em a Nau Nossa Senhora da Glória, vindo da Bahia por Comboio da Frota para Lisboa* (24 de fevereiro de 1752), recolhido por João Palma-Ferreira: “Lamentai almas católicas/ esta tragédia, não por histórica/ o lamentável fim que teve’ a Nau Senhora da Glória.// Nau por todos aclamada,/ a melhor que El-Rei tinha,/ e por tal foi nomeada,/ para o Comboio da Bahia.// Lá na Ribeira das Naus,/ estando ela dado fundo,/ com receios que pudesse/ correr os mares do mundo.// Porque como era velha,/ se pôs a votos um dia,/ por se não arriscar nela/ os cabedais da Bahia.// [...] Aos calafates da Nau,/ e também aos Carpinteiros,/ dizia o Comandante,/ que vissem a nau primeiro.// Mas como em todo o tempo,/ estiveram trabalhando,/ enganavam o Comandante,/ assim o iam empalhando.// Que a Nau estava boa,/ e capaz de navegar,/ só por se lhe não tirar,/ os fretes para Lisboa.// No que acima relato,/ que sempre eles trabalharam,/ mui bom dinheiro ganharam,/ nos Navios do contrato.// [...] Aquele que deu o voto,/ com sua sabedoria,/ bem é que viesse ver/ a Cidade da Bahia.// E então conheceria,/ o erro que tinha feito,/ o que é logo veria,/ fazer do torto direito” (*Naufrágios, Viagens, Fantasias e Batalhas*, Lisboa, IN/CM, 1980).



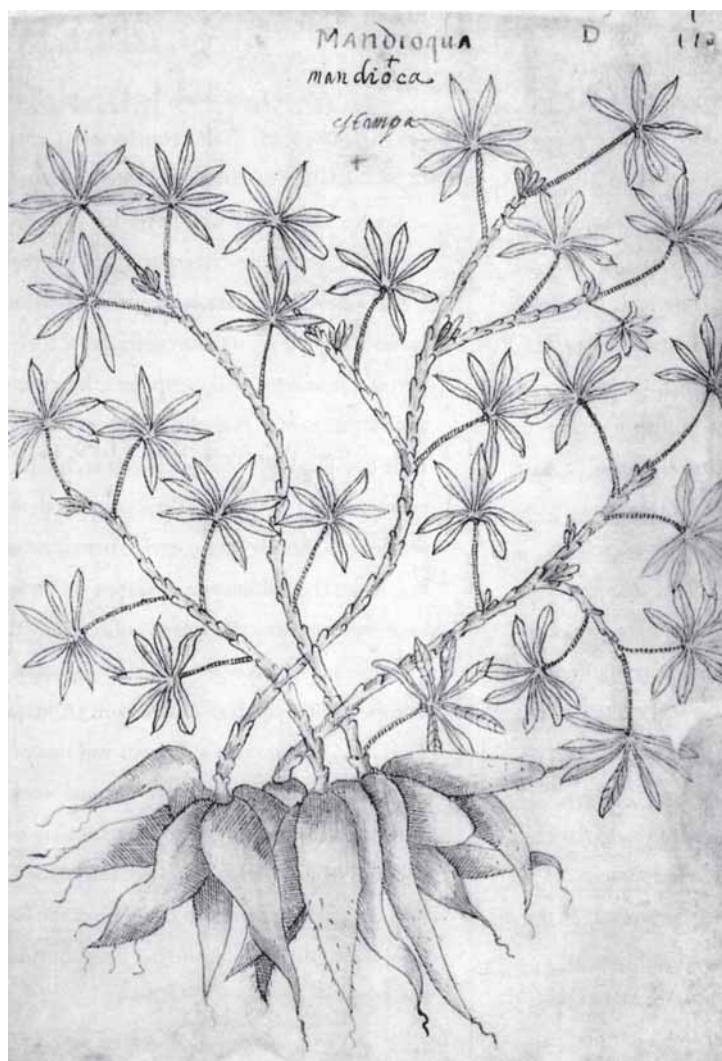
Frei Cristóvão de Lisboa, "Camaleão", desenho a pena e lápis do manuscrito "História dos Animais e Árvores do Maranhão" (Lisboa, 1624), Arquivo Histórico Ultramarino

“Os arredores destes campos e seus sertões são, na mesma forma, os mais férteis do Brasil, cheios de pinhais formosíssimos que sobem às nuvens e carregam de pinhas, cada qual do tamanho de seis ou sete da Europa, cujos pinhões são mais compridos que castanhas, posto que não tão grossos, mas mais doces que elas. [...] Nas matas acham grande abundância de caça, antas, veados, porcos monteses, coelhos, emas e outras castas de feras e aves; e o gado é tanto em algumas paragens que podia encher muita parte da Europa; serve de cobiça aos Portugueses, que, por mercadoria, matam as reses e carregam dos couros seus navios, deixando a carne pelos campos às feras e às aves. É tão grande a quantidade de mel silvestre, que podem encher pipas dele e carregam os exércitos que passam, a mais não poder [...]. Vai retalhada a terra toda com caudalosos rios, que fazem os bosques frescos e aprazíveis. Há alagoas grandes, que criam em si cobras e lagartos de grandeza imensa, que chegam a tragar um homem ou veado inteiro. As nações de gentes que habitam estes sertões, seus vários ritos e costumes, seria infinito descrevê-los [...] E estes são os Campos Elíseos desta gentildade e seus sertões, onde agora vem habitar o nosso José e doze dos seus discípulos”.

Junta-se aqui, à visão idílica, e em síntese quase apoteótica, a noção da abundância (em termos que mesclam o plano mítico com o aquisitivo), completada com a da felicidade pessoal e coletiva do êxito religioso e apologético (10)*.

Não gostaria de terminar este trabalho sem uma alusão de homenagem a um dos olhares portugueses mais fecundos que sobre a terra brasileira o nosso século produziu, o de Vitorino Nemésio, que, em 1954, escrevia, sensível tanto ao isolamento das especificidades como à prática das aproximações identificadoras:

“Pois não nos lembra Lisboa este Rio de Janeiro radiado, com a sua Guanabara servindo de estuário do Tejo, o seu cais Mauá



repetindo o Cais do Sodré ou o das Colunas, Niterói realizando a simetria do Barreiro, e as ilhas os montes cinzentos e escavados da Outra Banda?” (11).

Esta questão retórica, na intenção do autor de *O Segredo de Ouro Preto* e de *Violão de Morro*, decerto pretende sobretudo comunicar que, por vezes, o desejo de fixação do ser humano sobrepõe as suas imagens mais queridas, recolhidas na diversão das distâncias, às irradiações da diferença, mantendo a problemática da viagem como dispositivo fulcral, nos nossos dias, das perspectivas éticas e estéticas do conhecimento, assim como de formas disjuntas de manifestações diferenciadas da sensibilidade cultural.

Frei Cristóvão de Lisboa, “Mandioca”, desenho a pena e lápis de “História dos Animais e Árvores do Maranhão”

* Em virtude da diagramação, esta nota encontra-se na página...

11 Vitorino Nemésio, *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos*, Lisboa, Bertrand, 1954.